

## SITUAÇÕES DE VULNERABILIDADE VIVIDAS POR PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM FRENTE AO HIV/AIDS

Hortência Héllen de Azevedo Medeiros; Anderson Gustavo Laurentino Vidal de Negreiros; Adilma da Cunha Cavalcanti; Amanda Haissa Barros Henriques

*Universidade Federal de Campina Grande – campus Cuité – [hellenhortencia17@gmail.com](mailto:hellenhortencia17@gmail.com);*

*Universidade Federal de Campina Grande - campus Cuité – [agustavovidal@hotmail.com](mailto:agustavovidal@hotmail.com);*

*Universidade Federal de Campina Grande - campus Cuité – [adilmacavalcanti@yahoo.com.br](mailto:adilmacavalcanti@yahoo.com.br)*

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – campus Belo Jardim -  
[amandahaissa@gmail.com](mailto:amandahaissa@gmail.com)*

**RESUMO:** A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) configura-se como uma doença crônica, debilitante e contagiosa que se manifesta como um desafio global envolvendo repercussões epidemiológicas, socioculturais, econômicas e clínicas. Esse trabalho tem por objetivo descrever as situações de vulnerabilidade vivenciadas por enfermeiros frente ao paciente portador de HIV/AIDS. Trata-se de uma revisão da literatura, realizada por meio da busca de artigos indexados online nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) incluída na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Empregaram-se como critérios de inclusão: artigos completos, na língua vernácula, disponíveis online na íntegra, publicados entre os anos de 2010 a 2016 e, como critérios de exclusão, artigos incompletos, com acesso mediante pagamento e que não respondesse a pergunta norteadora do estudo. A vulnerabilidade não se restringe à susceptibilidade ou à contaminação por algum patógeno. Engloba tudo aquilo que representa uma ameaça à integridade física, moral, psíquica, espiritual, social ou afetiva de profissionais de enfermagem e de pacientes sob cuidados. O desconforto e a pena, da mesma forma, emergem no convívio a partir da percepção dos enfermeiros acerca das barreiras que serão enfrentadas pelos pacientes em prol de sua sobrevivência. A vulnerabilidade, neste caso, mostra-se compartilhada. Este compartilhamento é verbalizado pelos enfermeiros por meio de termos como envolver-se demais, sofrer junto e colocar-se no lugar. Os enfermeiros encaram a manifestação da confiança do paciente neles depositada, assim como a presença de elogios e valorização da sua prática, como fatores de empoderamento que correspondem a recompensas pelo sofrimento vivenciado no intercurso do cuidar. Palavras-chave: “Vulnerabilidade em Saúde”, “Saúde do Trabalhador”, “Cuidados de Enfermagem” e “Síndrome da Imunodeficiência Adquirida”.

### INTRODUÇÃO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) configura-se como uma

doença crônica, debilitante e contagiosa (SOUSA, 2013).

(83) 3322.3222

contato@conbracis.com.br

[www.conbracis.com.br](http://www.conbracis.com.br)

A AIDS é uma doença que põe em evidência a sexualidade e sentimentos como culpa e castigo, levando a questões que incomodam os sujeitos e calam os profissionais de saúde que, ao serem confrontados com tais questões, percebem suas dificuldades no campo da ética, do social e do psicológico (SOUSA, 2011).

O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) manifestam-se como um desafio global que envolve repercussões epidemiológicas, socioculturais, econômicas e clínicas (DANTAS, 2014).

Atualmente, o contágio pelo HIV abarca, aproximadamente, 2,1 milhões de novas pessoas infectadas no mundo (NOGUEIRA, 2015).

Em 2012, a epidemia global de AIDS registrou cerca de 35,3 milhões de pessoas vivendo com HIV/AIDS. No mesmo ano, estimou-se cerca de 530 a 660 mil brasileiros vivendo com AIDS entre todas as faixas etárias, sendo 34 mil novos casos da doença e cerca de 11 a 19 mil óbitos em decorrência da mesma (DANTAS, 2014).

No Brasil, foram notificados 39.185 casos de AIDS e a taxa de incidência correspondeu a 20,2 casos para cada 100.000 habitantes em 2012 (DANTAS, 2014).

A situação social e moral que surgiu com o advento da epidemia de AIDS,

associada aos efeitos da doença, uma vez que seu desconhecimento médico era acompanhado do desconhecimento social, favoreceram o surgimento de representações que circularam por veículos de comunicação e por meio das conversas. Alguns qualificavam a AIDS como consequência da decadência moral ou castigo de Deus, o que a tornou um estigma social, provocando rejeição e gerando, nos excluídos, revolta ou submissão (NOGUEIRA, 2015).

A dinâmica do fenômeno, tanto no âmbito mundial quanto no Brasil, sofreu transformações epidemiológicas e sociais nas últimas décadas, exibindo um perfil de interiorização; migrando de classes médias e altas para populares; dos meios artísticos e culturais para grupos marginalizados como homossexuais, profissionais do sexo e usuários de drogas. Também atingiu grupos sociais considerados não vulneráveis a síndrome, como heterossexuais, mulheres monogâmicas, idosos e crianças (DANTAS, 2014).

O termo vulnerabilidade tem sido bastante empregado nos últimos anos, especialmente após a década de 1980, expressando distintas perspectivas de interpretação. Originário da área da advocacia internacional pelos Direitos Universais do Homem, o termo vulnerabilidade designa, em sua origem, grupos ou indivíduos fragilizados,

jurídica ou politicamente, na promoção, proteção ou garantia de seus direitos de cidadania (SOUSA, 2011).

Especificamente na área da saúde, o termo vulnerabilidade emerge no começo da década 1980, como possibilidade de interpretação à epidemia da AIDS, na perspectiva de contribuir na identificação de indivíduos, grupos e comunidades que estão expostos a maiores níveis de risco nos planos sociais, políticos e econômicos e que afetam suas condições de vida individual, familiar e comunitária (SOUSA, 2011).

Entende-se por “vulnerabilidade do trabalhador de enfermagem” o estado dinâmico e mutável de fragilidade ou de incapacidade tipicamente humano, fruto de diversos fatores e situações intrínsecos e extrínsecos ao profissional. Este estado o impulsiona à formulação de estratégias de enfrentamento, configurando-se, assim, o seu empoderamento ante a vivência do intercurso processual saúde-doença-cuidado (SANTOS, 2014).

A forma como a vulnerabilidade se manifesta no cotidiano de cuidado de enfermagem consiste em um fenômeno que importa à cientificidade da enfermagem, tal como a compreensão psicossocial dos comportamentos, dos valores, das atitudes, das práticas e das imagens que integram a apreensão dos enfermeiros sobre conceito e o

estado de vulnerabilidade e de empoderamento no dia a dia hospitalar sob a égide da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SANTOS, 2014).

As incertezas oriundas do surgimento da AIDS, sobretudo no início da década de oitenta, colocaram os enfermeiros em posição delicada em uma atmosfera de tensão, haja vista que, se por um lado os postulados éticos da profissão exigiam ininterruptão e qualidade dos cuidados prestados, por outro o medo do desconhecido e potencialmente fatal, poderia, ao menos em parte, afastar enfermeiros e pacientes (SANTOS, 2013).

Diante disso, tendo em vista a importância do conhecimento das situações vulneráveis em que o profissional de enfermagem encontra-se ao ofertar cuidados ao paciente com HIV/AIDS, uma vez que este contexto está diretamente associado com sua saúde enquanto trabalhador e com a qualidade da assistência prestada, o objetivo desse trabalho é descrever as situações de vulnerabilidade vivenciadas por enfermeiros frente ao paciente portador de HIV/AIDS.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura, realizada entre os meses de Março a Maio de 2016, por meio da busca de artigos indexados online nas bases de dados

Scientific Eletronic Library Online (SciELO) incluída na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Para a busca, utilizaram-se os seguintes descritores: “vulnerabilidade em saúde”, “saúde do trabalhador”, “cuidados de enfermagem” e “síndrome da imunodeficiência adquirida”, empregando-se os operadores booleanos “and” e “or”.

Inicialmente foi feito um cruzamento através do operador “and” entre os descritores “Vulnerabilidade em Saúde” and “Síndrome da Imunodeficiência Adquirida”, onde foram encontrados 357 artigos e, diante da filtragem restaram apenas 26 artigos, desses 23 artigos foram descartados e apenas 3 foram utilizados. O cruzamento entre “vulnerabilidade em saúde” and “saúde do trabalhador” resultou em 3 artigos, onde 1 foi descartado por não está de acordo com a temática e 2 foram utilizados. O cruzamento entre “Vulnerabilidade em Saúde” and “Cuidados de Enfermagem” resultou em 9 artigos, onde 6 foram descartados e 3 foram utilizados. Os artigos foram analisados através da literatura pertinente para serem selecionados diante dos critérios de inclusão e exclusão.

Para a seleção da amostra, empregaram-se como critérios de inclusão: artigos na íntegra, na língua vernácula, disponíveis online, publicados entre os anos de 2010 a 2016, e que respondessem a pergunta

norteadora do estudo <O que há disponível na literatura científica atual acerca das situações de vulnerabilidade vivenciadas por enfermeiros frente ao paciente portador de HIV/AIDS?>. Como critérios de exclusão, foram elencados: artigos antigos, incompletos e com acesso mediante pagamento.

Mediante estes critérios, definimos a pesquisa com oito artigos na amostra, uma vez que muitos artigos eram antigos e fugiam da questão norteadora e do objetivo do estudo. Ao mesmo tempo em que o pequeno quantitativo de estudos encontrados justifica ainda mais a relevância em abordar esta temática a fim de somar conhecimentos acerca da vulnerabilidade de enfermeiros frente ao paciente soropositivo.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Cuidar de pessoas nas quais se encontra instalado um quadro de adoecimento irreversível e estigmatizante, como é o caso da AIDS, pode afetar a autoestima do cuidador que testemunha a fatalidade como resultado do processo patológico, independentemente do grau de dedicação de seus esforços (SANTOS, 2013).

A vulnerabilidade não se restringe à susceptibilidade ou à contaminação por algum patógeno. Engloba tudo aquilo que representa uma ameaça à integridade física, moral,

psíquica, espiritual, social ou afetiva de profissionais de enfermagem e de pacientes sob cuidados (SANTOS, 2013).

Pode-se inferir que à cotidianidade hospitalar dos enfermeiros que atuam em HIV/AIDS são partícipes o alto grau de responsabilidade de sua atividade, as demandas apresentadas por pacientes em intenso sofrimento, a exaustão física e mental, a carga horária excessiva, as rotinas que podem tolher sua liberdade profissional, a iminência da morte em seu dia a dia, entre outros elementos (SANTOS, 2014).

A iminência da morte dos pacientes configura uma atmosfera assustadora, que coloca os enfermeiros em maior sensação de vulnerabilidade. O medo, que advém da chance de sofrerem perdas significativas ou de testemunharem a terminalidade da história de vida de um determinado indivíduo, parece fragilizar psicologicamente os enfermeiros (SANTOS, 2014).

A morte é tratada como um desafio processual do qual os enfermeiros revelam vivenciar ativamente, diante das situações de sofrimentos que lhe são proporcionadas. “Sentir pena”, “chorar”, “ter medo”, “não aguentar”, são termos empregados pelos enfermeiros para expressar sua vulnerabilidade, que emerge em face à constatação de que a atmosfera de perda e de luto antecipado tornou-se concreta.

Há outro desafio presente na dimensão afetiva da representação da vulnerabilidade, qual seja: aquele relativo ao sentimento de impotência em virtude da inevitabilidade da morte dos pacientes. Postula-se que as dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros ligadas ao seu modo de lidar com a morte estejam implicadas, especialmente, na impossibilidade de solucioná-la (SANTOS, 2014).

Há indícios de que a escassez de informações científicas mantem interfaces com a vulnerabilidade dos enfermeiros na medida em que os colocou em posição desfavorável, e estes se mostraram assustados e temerosos, mesmo que impossibilitados de demonstrar tais sentimentos (SANTOS, 2013).

Na perspectiva dos enfermeiros, envolver-se demais é algo que implica em determinado grau de sofrimento. O desconforto e a pena, da mesma forma, emergem no convívio a partir da percepção dos enfermeiros acerca das barreiras que serão enfrentadas pelos pacientes em prol de sua sobrevivência. A vulnerabilidade, neste caso, mostra-se compartilhada. Este compartilhamento é verbalizado pelos enfermeiros por meio de termos como ‘envolver-se demais’, ‘sofrer junto’ e ‘colocar-se no lugar’ (SANTOS, 2013).

No pensamento psicossocial dos enfermeiros acerca de sua vulnerabilidade estão incluídas diversas formas de violência empregadas pelos pacientes, como a verbal, caracterizada pela enunciação de expressões ofensivas oriundas do estado de revolta, e a física, contra os outros ou a si mesmo, que diz respeito à tentativa, ameaça ou agressão propriamente dita aos domínios físicos do corpo dos enfermeiros ou a si mesmo, incluindo-se a tentativa de suicídio. É interessante reparar que, independentemente da forma ou para quem a violência é direcionada, isto afeta os enfermeiros de diferentes formas, causando-lhes preocupação, temor, receio, ansiedade e inquietude, o que contribui para a potencialização de sua vulnerabilidade ressignificada (SANTOS, 2013).

Autores enfatizam em suas pesquisas a problemática da exposição aos riscos ocupacionais na profissão de enfermagem no que se refere a sobrecarga particular às mulheres que estão na profissão de enfermagem, a elevada carga horária semanal e a exposição a episódios de violência, o intenso ritmo das tarefas e a presença do prazer e do estresse no trabalho de enfermagem (WALDOW, 2008; AVENDARO, 2009; HAAGSMA, 2008; GOMES, 2012; SANTOS, 2014).

O medo refere-se ao receio que os profissionais possuem sobre a transmissão do vírus e ao risco de contágio, podendo estar associado à expressão cuidado, sinalizando a precaução que os trabalhadores de saúde devem adotar (DANTAS, 2014).

Verifica-se que o medo se constituiu como algo constante a vida profissional dos enfermeiros em face ao desconhecimento acerca do HIV/AIDS. Os enfermeiros atribuem a falta de conhecimentos à formação deficitária e a carência de informações fidedignas disponíveis acerca da AIDS. O primeiro contato profissional com o paciente soropositivo, então, foi relatado como um evento traumatizante, no qual se dispunha de pouco conhecimento para instrumentalizar o fazer (SANTOS, 2013).

São elementos também partícipes à vulnerabilidade dos enfermeiros: os conflitos presentes nas relações sociais entre enfermeiros, pacientes e familiares sobre a égide da AIDS; a insegurança desses profissionais ao fornecerem instruções sobre o tratamento da Síndrome, tal como as construções simbólicas sobre a presença do vínculo, da amizade, mas também do estigma presente no envolvimento entre enfermeiros e pacientes soropositivos; as características das pessoas com AIDS; os limitados recursos humanos; as difíceis questões institucionais; o sofrimento de discriminação por trabalhar

com HIV/AIDS; o influenciar da vida profissional na vida pessoal; e as formas encontradas por enfermeiros para transformar esta realidade (SANTOS, 2014).

A vulnerabilidade proporcionada pela profissão de enfermeiro que cuida de pessoas com HIV/AIDS parece estar também atrelada às demandas apresentadas pelo paciente soropositivo, ao alto nível de responsabilidade da função, à constante sobrecarga de trabalho, à carga horária excessiva, à exaustão física e psíquica e ao engessamento profissional pelas rotinas estabelecidas (SANTOS, 2014).

Além disso tudo, o fato do cuidar de pessoas com HIV/AIDS, na perspectiva dos enfermeiros, exige cuidados permanentemente intensivos e vigilância contínua de suas complexas necessidades biológicas e psicossociais, caracterizando uma assistência com alta demanda (SANTOS, 2014).

A vulnerabilidade pode estar presente, também, através dos riscos ocupacionais da prática assistencial, os quais podem ser ocasionados pela falta do uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), descuido, falta de conscientização e de medidas de precaução, e até mesmo pela falta de conhecimento e/ou informação, situação esta em que o trabalhador sequer suspeita existência da contaminação do paciente (VILARINHO, 2014).

Neste sentido, acredita-se que o trabalhador da saúde, em especial o enfermeiro que presta cuidados aos pacientes soropositivos se encontra diante de um leque de situações de vulnerabilidade que envolvem aspectos não só físicos, mas sociais, psicológicos, culturais e ocupacionais.

Faz-se necessário, portanto, que estes profissionais busquem mais conhecimentos nesta área, se capacitem para melhor cuidar destes pacientes em específico, bem como cuidar da própria saúde, além de se empoderarem quanto às dúvidas, anseios, angústias e riscos no cuidado ao paciente soropositivo, os quais expõe esta classe trabalhadora à situações de vulnerabilidade.

## CONCLUSÕES

A vulnerabilidade vivenciada pelos profissionais de enfermagem que cuidam de pessoas com HIV/AIDS está atrelada a diversos fatores desencadeantes, dentre eles: a falta de conhecimento sobre o HIV/AIDS, o medo da transmissão do vírus, o risco de contágio, o alto nível de responsabilidade, a grande demanda, a constante sobrecarga de trabalho, a carga horária excessiva, exaustão física e psíquica.

Percebeu-se que a sensação de despreparo ou de desconhecimento sobre a AIDS, seja ela do início da epidemia no

cenário de trabalho ou aquela ainda presente na vida profissional dos enfermeiros, se mostra como um terreno frutífero a vulnerabilidade destas pessoas.

É nítida a importância da temática discutida pelo fato da AIDS ser um problema de saúde pública, que atinge altos índices de pessoas em todo o mundo na atualidade, além de, repercutir em vários riscos para o profissional de saúde que cuida do paciente soropositivo, tanto no que diz respeito a questões físicas como moral, psíquica, espiritual, social ou afetiva.

Diante disso, “aceitar os riscos”, “dar o melhor” e “vencer o medo” são termos que significam, no arcabouço representacional dos enfermeiros, formas de qualificar a assistência, lidar com a hostilidade da atividade e potencializar o seu saber/fazer, simultaneamente. A confiança depositada nestes profissionais, assim como os elogios e a valorização da sua prática servem como fatores de empoderamento que correspondem a recompensa pelo sofrimento vivenciado no intercurso do cuidar (SANTOS, 2014).

A escassez de artigos que retratam sobre a temática em questão dificultou a realização da pesquisa, limitando o quantitativo de artigos encontrados. Apesar disso, o presente estudo conseguiu atingir o objetivo esperado, destacando as principais situações de

vulnerabilidade que o enfermeiro está exposto diante das situações frente ao HIV/AIDS.

Por fim, o estudo trouxe contribuições para o conhecimento acerca da vulnerabilidade do enfermeiro frente ao cuidado do paciente soropositivo, tanto a nível acadêmico por acrescentar informações e estimular que mais pesquisas voltem-se para esta temática, como também a relevância social e profissional da pesquisa, alertando algumas situações de risco para os profissionais e os pacientes soropositivos na finalidade da prevenção de complicações e promoção da saúde dos envolvidos.

## REFERÊNCIAS

DANTAS, M. S.; ABRÃO, F. M. S.; FREITAS, C. M. S. M.; OLIVEIRA, D. C. Representações sociais do HIV/AIDS por profissionais de saúde em serviços de referências. **Rev Gaúcha Enferm.**, [S/1], v. 35, n. 4, p. 94 – 100, 2014.

NOGUEIRA, V. P. F.; GOMES, A. M. T.; MACHADO, Y. Y.; OLIVEIRA, D. C. Cuidado em saúde a pessoa vivendo com HIV/AIDS: representações sociais de enfermeiros e médicos. **Rev Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 331-337, 2015.



SANTOS, É. I.; GOMES, A. M. T. Vulnerabilidade, empoderamento e conhecimento: memórias e representações de enfermeiros acerca do cuidado. **Acta paul. enferm.**, São Paulo , v. 26, n. 5, p. 492-498, 2013 .

SANTOS, É. I.; GOMES, A. M. T.; OLIVEIRA, D. C.; MARQUES, S. C.; BERNARDES, M. M. R. Desafios e enfrentamentos no cuidar por enfermeiros: estudo de representações sociais. **Online braz j nurs**, Niterói , v. 13, n. 2, 2014 .

SANTOS, É. I.; GOMES, A. M. T.; OLIVEIRA, D. C.; SANTO, C. C. E. Entre sofrimento e prazer: a vulnerabilidade para enfermeiros nas relações interpessoais com pacientes com HIV/AIDS. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 9-15, ago. 2013.

SOUSA, C. S. O.; SILVA, A. L. O cuidado a pessoas com HIV/AIDS na perspectiva de profissionais de saúde. **Rev Esc Enferm USP**, [S/l], v. 47, n. 4, p. 907-914, 2013.

SOUSA, P. K. R.; MIRANDA, K. C. L.; FRANCO, A. C. Vulnerabilidade: análise do conceito na prática clínica do enfermeiro em ambulatório de HIV/AIDS. **Rev Bras**

**Enferm**, Brasília, v. 64, n. 2, p. 381-384, 2011.

VILLARINHO, M. V.; PADILHA, M. I. Estratégias de biossegurança dos trabalhadores da saúde no cuidado às pessoas com HIV/AIDS (1986-2006). **Esc Ana Nery**, [S/l], v. 18, n. 1, p. 25-31, 2015.